

9

Capítulo 9

 <https://doi.org/10.71248/9786583818034-9>

Transição Para A Vida Adulta No TEA: Autonomia e Saúde Mental

Luis Vicente Ferreira¹
Nayara Bayma Soares²
Luan Bernardino Montes Santos³
Rafael Vaiksnoras⁴

Graduando em Medicina, Neuropsicopedago, Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) ¹

Graduada em Enfermagem, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)²

Graduado em Medicina, Universidade Atenas Campos Paracatu (UniAtenas) ³

Graduado em Medicina, Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)⁴

Transição Para A Vida Adulta No TEA: Autonomia e Saúde Mental

Desafios na Transição para a Vida Adulta no Transtorno do Espectro Autista

A transição para a vida adulta representa um período crítico e complexo para jovens com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracterizado por múltiplas mudanças desenvolvimentais, sociais e contextuais que alteram níveis crescentes de autonomia e autodeterminação. Esta fase, tipicamente ocorrendo entre os 18 e 25 anos, é frequentemente descrita como um "precipício de serviços", onde o apoio substancial disponível durante a infância e adolescência diminui drasticamente à medida que os indivíduos envelhecem fora dos sistemas pediátricos e educacionais (Steinberg *et al.*, 2024). Estudos demonstram que adultos autistas enfrentam taxas desproporcionais baixas de emprego integrado, educação pós-secundária e vida independente em comparação com seus pares neurotípicos e até mesmo com indivíduos com outras deficiências de desenvolvimento recentes (Fossum *et al.*, 2025).

A magnitude desses desafios é evidenciada por dados longitudinais mostrando que apenas 46% dos adultos emergentes com TEA vivem

independentemente, enquanto 71% estão empregados ou em educação, números significativamente inferiores às expectativas normativas para esta faixa etária (Fossum *et al.*, 2025).

A heterogeneidade do TEA contribui para a complexidade da transição, com trajetórias desenvolvimentais altamente variáveis influenciadas por múltiplos fatores incluindo funcionamento executivo, adaptativas, comorbidades psiquiátricas e suporte familiar (Leisman; Alfasi; Melillo, 2025). Perspectivas divergentes entre jovens autistas e seus pais frequentemente emergem durante este período, com pais tendendo a enfatizar objetivos normativos de longo prazo, como independência financeira e emprego, enquanto jovens autistas priorizam aspectos sociais do trabalho, autonomia nas atividades diárias e conexões significativas com pares (Steinberg *et al.*, 2024). Esta dissonância nas prioridades sublinha a necessidade de abordagens centradas na pessoa que honram as perspectivas e aspirações dos próprios indivíduos autistas. Além disso, a transição é frequentemente acompanhada por variações no funcionamento adaptativo, aumento de sintomas psiquiátricos e maior dependência de cuidadores, especialmente durante crises como evidenciado pelo impacto da

pandemia COVID-19 (Miranda Gálvez; Pacheco-Unguetti, 2025) .

A compreensão da transição para a vida adulta no TEA requer uma abordagem multidimensional que considere não apenas os domínios tradicionais de emprego e educação, mas também saúde mental, funcionamento adaptativo, autodeterminação, relações sociais e qualidade de vida (Martino; Brantley; Scarpa, 2025) . Estudos emergentes destacam a importância crítica de intervenções baseadas em forças que aproveitam os interesses e capacidades individuais, processos individualizados e abordagens holísticas que acomodam as necessidades específicas de cada pessoa (Rumsa *et al.*, 2025) . Esta revisão sistemática sintetiza a literatura atual sobre transição para a vida adulta no TEA, com foco particular em autonomia e saúde mental, examinando desafios, preditores de resultados bem-sucedidos e estratégias de intervenção baseadas em evidências.

Saúde Mental, Ansiedade e Depressão Durante a Transição

Adultos autistas apresentam taxas significativamente elevadas de comorbidades psiquiátricas, particularmente durante o período de transição para a vida adulta, com depressão

e ansiedade emergindo como as condições mais prevalentes e debilitantes (Pelle *et al.*, 2025) . Uma análise abrangente de 64 adultos divulgados com TEA revelou que 68,8% apresentaram pelo menos uma comorbidade psiquiátrica, sendo os transtornos depressivos (25,0%) e de ansiedade (9,4%) os mais comuns, com mais da metade dos participantes (57,4%) reportando pelo menos sintomas depressivos leves e 42,6% exibindo níveis moderados a graves de depressão (Pelle *et al.*, 2025) . Estas taxas excedem os benefícios observados na população geral, refletindo vulnerabilidades únicas associadas ao autismo. Estudos longitudinais demonstram que a ansiedade e a depressão não são apenas mais prevalentes em indivíduos autistas, mas também seguem trajetórias mais persistentes ao longo da vida adulta, com pesquisas relatam que adultos autistas de meia-idade e mais velhos continuam a experimentar níveis elevados desses sintomas (Roper *et al.*, 2025) .

A relação entre traços autistas e resultados de saúde mental é complexa e mediada por múltiplos fatores. Análises de mediação serial revelaram que comportamentos de camuflagem social e autocompaixão influenciam indiretamente a associação entre traços autistas e resultados

de saúde mental, tanto independentemente quanto através de suas inter-relações (Galvin *et al.*, 2025). Especificamente, a camuflagem social mostrou demonstração negativa significativa com autocompaixão, e ambos os fatores mediarão a relação entre características autistas e sintomas de ansiedade e depressão (Galvin *et al.*, 2025). Nas cidades latinas, a camuflagem foi significativamente associada a um maior funcionamento adaptativo, especialmente nos domínios conceituais, sociais e práticos, mas também foi preditiva de aumento de ansiedade e depressão, destacando o custo psicológico de mascarar características autistas para atender expectativas sociais (Pagán; Loveland; Acierno, 2025c). O burnout autista, caracterizado por exaustão crônica resultante das demandas de se adaptar a ambientes neurotípicos, apresentou níveis moderados a altos em jovens adultos latinos, com os níveis mais altos observados em consciência elevada e perturbação cognitiva (Roper *et al.*, 2025).

O impacto da saúde mental na funcionalidade adaptativa é profundo e bidirecional. Curiosamente, estudos revelaram que piores indicadores de saúde mental previram melhores resultados de vida diária adaptativa, um paradoxo que destaca o alto custo de se adequar às

expectativas neurotípicas (South; Park; Berman, 2025). Esta descoberta sugere que o sucesso em contextos educacionais e profissionais muitas vezes vem à custa do bem-estar psicológico, enfatizando a necessidade urgente de sistemas neurotípicos compreenderem e acomodarem melhores forças e necessidades de suporte únicos para facilitar tanto o sucesso quanto o bem-estar de adultos autistas (South; Park; Berman, 2025). Trajetórias de ansiedade em adultos de meia-idade e mais velhos demonstraram que indivíduos com traços autistas elevados eram mais propensos a seguir trajetórias de ansiedade ascendentes de níveis a clínicos, com risco relativo de 4,41 comparado a adultos controle (Stewart *et al.*, 2025). Além disso, o trauma e sintomas de PTSD são significativamente mais prevalentes em adultos autistas, com o grupo autista reportando taxas consideravelmente mais altas de trauma na infância e idade adulta, incluindo abuso emocional e físico, negligência e abuso sexual, com sintomas de PTSD mostrando associações mais fortes com trauma em autistas versus não-autistas (Adams *et al.*, 2025).

Autonomia, Independência e Funcionamento Adaptativo

A autonomia e o funcionamento adaptativo representam domínios fundamentais que determinam a qualidade de vida e a independência de adultos autistas durante a transição para a vida adulta. Evidências consistentes demonstram que indivíduos autistas apresentam funcionamento adaptativo significativamente menor em comparação com pares sem TEA, com tamanhos de efeito substanciais reportados em estudos longitudinais (Fossum *et al.*, 2025). Uma investigação de 10 anos acompanhando 66 indivíduos desde a infância até a idade adulta emergente revelou que adultos com TEA reportaram funcionamento adaptativo significativamente menor em comparação com indivíduos sem TEA, com $g=0,92$ de Hedges, indicando um tamanho de efeito grande (Fossum *et al.*, 2025). Particularmente preocupante é o achado de dificuldades de função executiva (FE) na infância e adolescência predisseram menor funcionamento adaptativo na idade adulta emergente, superando a influência do diagnóstico de autismo e sintomas co-ocorrentes, sublinhando o papel influente da FE e implicando que intervenções direcionadas às dificuldades de FE poderiam melhorar resultados de longo prazo (Fossum *et al.*, 2025).

O funcionamento adaptativo abrange vários domínios críticos para a vida independente, incluindo habilidades conceituais (comunicação, habilidades acadêmicas funcionais, autodireção), habilidades sociais (relacionamentos interpessoais, responsabilidade social) e habilidades práticas (atividades de vida diária, habilidades ocupacionais, uso de dinheiro). Estudos de intervenção demonstram que programas estruturados podem produzir melhorias significativas nestes domínios (Pagán *et al.*, 2025b). Uma avaliação do programa "Iniciando! la Aduldez" com jovens adultos latinos mostrou melhorias significativas pós-tratamento em medidas de responsividade social, comportamento adaptativo (ABAS-3), funcionamento executivo (BRIEF-A), qualidade de vida e prontidão para transição (Pagán *et al.*, 2025b). Especificamente, os participantes relataram aumentos em suas habilidades adaptativas, empatia emocional e capacidade de detecção e interpretação de propostas convencionais, com diminuição nos sintomas de interação social-comunicativa (Lousky *et al.*, 2024). Essas melhorias foram observadas consistentemente por meio de diferentes grupos vocacionais, mostrando que programas de treinamento vocacional

estruturados podem melhorar áreas essenciais para integração de futuros soldados militares e empregados no mundo vocacional (Lousky *et al.*, 2024).

A vida independente permanece um objetivo desafiador mas altamente valorizado para adultos autistas, com estudos qualitativos revelando que viver independentemente representa autonomia, controle e espaço próprio que são fundamentais para identidade e bem-estar (Al Ansari; Edwards; Gibbs, 2024). Entretanto, apenas cerca de um em seis adultos autistas vivem independentemente, uma taxa inferior de adultos com outras deficiências (Al Ansari; Edwards; Gibbs, 2024). Barreiras de vida independentes incluem desafios financeiros, falta de suportes adequados, dificuldades na navegação de processos burocráticos e impacto de diagnóstico tardio nas escolhas de acomodação e arranjos de vida (Al Ansari; Edwards; Gibbs, 2024). Nove de onze participantes de um estudo australiano foram revelados como adultos e compartilharam a importância do diagnóstico e como um diagnóstico mais precoce poderia ter influenciado suas escolhas de acomodação (Al Ansari; Edwards; Gibbs, 2024). Habilidades de vida diária (DLS) em adolescentes autistas sem deficiência intelectual estão

aproximadamente seis anos abaixo dos pares, mas intervenções direcionadas podem efetivamente estreitar esta lacuna (Duncan *et al.*, 2025). O programa STRW (Surviving and Thriving in the Real World) demonstrou que adolescentes autistas fizeram melhorias significativas no domínio DLS da VABS-3 e no subdomínio Doméstico, bem como em áreas específicas de Culinária, Lavanderia e Gestão de Dinheiro (Duncan *et al.*, 2025).

Emprego, Educação e Resultados Vocacionais

Os resultados de emprego para jovens autistas permanecem consideravelmente solicitados, com disparidades bastante evidentes na aquisição de emprego, suporte no local de trabalho e acesso a serviços de emprego estruturados (Yon-Hernández *et al.*, 2025). Uma investigação comparativa de jovens autistas e não-autistas com idade entre 18-23 anos revelou diferenças notáveis, com 67% dos participantes autistas tendo tido uma primeira experiência de trabalho em comparação a 86% dos participantes não-autistas (Yon-Hernández *et al.*, 2025). Quando experiências não remuneradas foram restauradas, essa lacuna se ampliou dramaticamente para 50% versus 78%, demonstrando disparidades substanciais em

oportunidades de emprego competitivo (Yon-Hernández *et al.*, 2025). Os participantes autistas eram significativamente menos propensos a obter empregos por meio de contratação competitiva e mais expostos ao trabalho em funções relacionadas a vendas e varejo, enquanto os participantes não-autistas exibiam maior diversidade de empregos e posições voltadas para a carreira (Yon-Hernández *et al.*, 2025). As dificuldades de funcionamento executivo foram significativamente associadas à menor probabilidade de emprego, destacando a necessidade de intervenções que apoiem funções executivas, expandam opções de emprego estruturado e aproveitem redes familiares e sociais para melhorar o sucesso no emprego durante a transição para a vida adulta (Yon-Hernández *et al.*, 2025).

A complexidade dos resultados vocacionais é ainda mais evidenciada ao examinar jovens autistas com QI baixo, uma população frequentemente restaurada da pesquisa, mas representando uma proporção significativa da comunidade autista. Pesquisa contemporânea mostra que 35% dos jovens autistas com QI baixo não estavam envolvidos em nenhuma atividade vocacional ou de educação pós-secundária (PSE), aproximadamente 15% participavam de emprego integrado (com ou sem

suportes), e apenas 5% estavam matriculados em programas PSE variados (Moser *et al.*, 2026). Análises de acompanhamento revelaram que jovens engajados em atividades vocacionais ou PSE tinham rendas familiares mais altas, maiores habilidades de vida diária e taxas mais baixas de níveis limítrofes a clínicos de comportamentos internalizantes e externalizantes do que aqueles não engajados em qualquer atividade vocacional ou PSE (Moser *et al.*, 2026). Estes resultados indicam baixa participação (~20%) em programas de emprego integrado e PSE, apesar de esforços nacionais para aumentar esses tipos de atividades, destacando a necessidade contínua de remover barreiras que impedem o engajamento em atividades vocacionais e PSE entre jovens autistas com QI baixo (Moser *et al.*, 2026).

Intervenções de emprego apoiadas, particularmente aquelas baseadas no modelo de Colocação e Apoio Individualizado (IPS), obtiveram resultados promissores para adultos autistas. Em um projeto de subvenção de emprego do Departamento de Serviços de Desenvolvimento da Califórnia investigando adultos com autismo e deficiências intelectuais, uma taxa de colocação de emprego competitiva de 52%

foi demonstrada usando IPS (Solomon *et al.*, 2025). Os componentes do IPS protegidos para esta população incluíram treinamento intensivo de agências, educação de liderança e suporte de manutenção de registros, embora desafios de implementação relacionados ao ajuste do modelo IPS com agências de suporte vocacional tenham sido identificados (Solomon *et al.*, 2025).

Programas de treinamento vocacional que preparam jovens adultos autistas para integração em serviço militar como soldados vocacionais também apresentaram melhorias significativas em comportamentos adaptativos e habilidades de comunicação social, com participantes reportando aumento de suas habilidades adaptativas, empatia emocional e capacidade de observação e interpretação de declarações convencionais após completar o treinamento (Lousky *et al.*, 2024). Estas descobertas sugerem que programas vocacionais estruturados, culturalmente adaptados e responsivos podem efetivamente preparar adultos autistas para uma integração bem-sucedida na força de trabalho.

Dinâmicas Familiares e Sistemas de Suporte

O papel das famílias e cuidadores na transição para a vida adulta de indivíduos autistas é multifacetado e crítico, abrangendo suporte emocional, advocacia, coordenação de serviços e, frequentemente, provisão direta de cuidados contínuos. Evidências consistentes demonstram que ser pai ou mãe de um indivíduo com TEA afeta a saúde mental de ambos os genitores, com efeitos devastadores que persistem e muitas vezes se intensificam à medida que o indivíduo afetado transita da infância para a idade adulta (Erarkadaş; Özmeral Erarkadaş; Şişmanlar, 2025). Um estudo com 77 pais de adultos com TEA revelou que as mães eram os cuidados primários mais comuns em todas as idades, com taxa de participação na força de trabalho significativamente menor que dos pais (Erarkadaş; Özmeral Erarkadaş; Şişmanlar, 2025). Os níveis de somatização e depressão das mães foram significativamente mais altos que dos pais, com escores de somatização das mães de casos com diagnóstico médico comórbido e deficiência intelectual sendo significativamente mais altos do que aqueles sem estas condições (Erarkadaş; Özmeral Erarkadaş; Şişmanlar, 2025). À medida que o nível de independência aumentou, os níveis de depressão e autoconceito negativo dos pais diminuíram

significativamente, e quando o nível de funcionamento social aumentou, os níveis de ansiedade, depressão e somatização materna e autoconceito negativo paterno diminuíram significativamente (Erarkadaş; Özmeral Erarkadaş; Şişmanlar, 2025).

Paradoxalmente, a advocacia parental, enquanto essencial para resultados de transição de jovens autistas, apresenta relações complexas com a autodeterminação dos jovens, potencialmente apoiando ou sufocando o desenvolvimento desta capacidade crítica (Moser *et al.*, 2025). Análises transversais e longitudinais examinando associações entre advocacia parental e autodeterminação de jovens autistas em idade de transição revelaram que os resultados transversais indicaram associação positiva entre advocacia parental e autodeterminação para jovens com maior comportamento adaptativo, menor comportamento externalizante e maior qualidade de relacionamento pai-filho (Moser *et al.*, 2025). Resultados longitudinais demonstraram que a mudança na advocacia parental relacionou-se a mudança na autodeterminação para jovens com menor comportamento adaptativo e maior comportamento externalizante, indicando que direcionar a advocacia parental poderia melhorar habilidades de

autodeterminação em jovens autistas (Moser *et al.*, 2025). Este equilíbrio delicado entre suporte e autonomia é ainda evidenciado por estudos que mostram que, embora os jovens enfatizem a importância de relacionamentos sociais e oportunidades de conexão-se com pares através de interesses compartilhados, os pais focam mais em suportes estruturados contínuos e independência financeira através de emprego (Steinberg *et al.*, 2024).

A carga sobre as famílias é exacerbada por barreiras sistêmicas no acesso a serviços e navegação de sistemas complexos de benefícios. Pesquisa sobre experiências familiares com Renda Suplementar de Seguridade Social (SSI) e tutela legal revelou diferenças quantitativas significativas na concessão de SSI e tutela baseada em escores de QI, comportamento adaptativo e características autistas, mas não por raça, etnia ou educação materna (Moser *et al.*, 2025). Análise de dados qualitativos acordos sobre seis temas destacando desafios associados à obtenção e manutenção de SSI, juntamente com decisões complexas e nuances associadas à tutela legal (Moser *et al.*, 2025). As famílias notaram muitos desafios ao navegar nestes procedimentos e alguns benefícios potenciais para cada

circunstância única, oferecendo novas perspectivas sobre experiências associadas à busca de benefícios SSI e tutela legal para adultos autistas (Moser *et al.*, 2025).

Estes achados sublinham a necessidade de coordenação melhorada e suportes para famílias ao longo da vida adulta, particularmente dado o isolamento social, tensão financeira e esgotamento do cuidador frequentemente reportados por famílias de adolescentes e adultos jovens com TEA (Chandran *et al.*, 2025).

Abordagens de Intervenção Baseadas em Evidências e Direções Futuras

O desenvolvimento e implementação de instruções baseadas em evidências para apoiar uma transição bem sucedida para a vida adulta no TEA requer abordagens multifacetadas que integrem componentes de funcionamento executivo, habilidades sociais, preparação vocacional e saúde mental. Revisões sistemáticas de abordagens baseadas em forças identificaram cinco tipos de intervenções segundo seus componentes ativos: planejamento de transição, preparação e treinamento para emprego, programas de tecnologia, mentoria de pares e treinamento de habilidades cognitivas (Rumsa *et al.*, 2025). Temas de melhores práticas destacam a importância de alavancar os

interesses e habilidades individuais de cada pessoa, desenvolver processos individualizados e acomodar as necessidades dos participantes através de abordagem holística (Rumsa *et al.*, 2025).

Análise das medidas de resultado descobertas temas primários de autodeterminação, habilidades sociais, confiança e habilidades relacionadas ao trabalho, embora tenham sido identificadas lacunas em avaliações padronizadas baseadas em forças (Rumsa *et al.*, 2025).

Intervenções culturalmente adaptadas apresentaram eficácia particularmente promissora em abordar as necessidades específicas de situações subatendidas. O programa "Iniciando! la Adultez", adaptado culturalmente para jovens adultos latinos com TEA e suas famílias de língua espanhola, demonstrou reduções significativas em sintomas de ansiedade e depressão, destacando a necessidade urgente de serviços de saúde comportamentais adaptados nesta população (Chandran *et al.*, 2025). O envolvimento de pais na terapia de grupo demonstrou impacto positivo tanto na saúde mental parental quanto dos jovens adultos, sublinhando a importância de apoiar tanto os jovens adultos quanto seus cuidadores durante esta transição crítica (Chandran *et al.*, 2025). Os resultados preliminares

indicaram melhorias na responsividade social, comportamento adaptativo, funcionamento executivo, qualidade de vida, prontidão para transição, autoeficácia de enfrentamento e regulação emocional entre jovens adultos, enquanto pais evidenciaram diminuição significativa no estresse aculturativo e sintomas depressivos (Pagán *et al.*, 2025b).

Estes achados enfatizam que intervenções comportamentais adaptadas culturalmente podem efetivamente abordar as necessidades específicas de jovens adultos latinos com TEA, contribuindo para melhores resultados de saúde mental e qualidade de vida (Chandran *et al.*, 2025).

Programas baseados em tecnologia, incluindo realidade virtual (RV) e saúde telemental, oferecem modalidades inovadoras de entrega que podem aumentar acessibilidade e engajamento. O protocolo do estudo STEPS (Social Cognitive Training Enhancing Pro-Functional Skills) descreveu o maior ensaio clínico planejado globalmente investigando o efeito de treinamento cognitivo social baseado em RV para adultos autistas, com 140 participantes alocados para receber treinamento cognitivo social baseado em RV mais tratamento usual ou tratamento usual sozinho (Andresen *et al.*, 2026). A intervenção compreende três módulos

principais—emoções, compreensão social e interações sociais complexas—com avaliadas na linha de base, na cessação da intervenção e após seis meses (Andresen *et al.*, 2026). Resultados preliminares de estudos de RV indicam que intervenções de RV podem melhorar habilidades funcionais e sociais e aprimorar funções neurocognitivas e cognitivas sociais específicas, embora ensaios clínicos estudados em larga escala sejam urgentemente necessários para avaliar plenamente a eficácia de intervenções básicas em RV para adultos autistas (Andresen *et al.*, 2026). Da mesma forma, a terapia de grupo via saúde telemental demonstra ser eficaz para adultos autistas, especialmente para aqueles com ansiedade social, barreiras geográficas ou transporte limitado, oferecendo benefícios adicionais enquanto mantém eficácia terapêutica (Pagán *et al.*, 2025a).

Tabela 1. Componentes de Intervenções Eficazes para Transição

Componente de intervenção	Nível de Evidência	Resultados principais	Estudos representativos
Treinamento de Função Executiva	Forte	Melhoria no planejamento, organização e autorregulação	(Fossum <i>et al.</i> , 2025; Samelson <i>et al.</i> , 2025)

Componente de intervenção	Nível de Evidência	Resultados principais	Estudos representativos
Formação e apoio profissional	Forte	Aumento das taxas de emprego e manutenção dos empregos.	(Lousky <i>et al.</i> , 2024; e Yong-Hernández <i>et al.</i> , 2025)
Treinamento de Habilidades para a Vida Diária	Moderado-Forte	Maior independência, funcionamento adaptativo	(Duncan <i>et al.</i> , 2025; Pagán <i>et al.</i> , 2025b)
Apoio à Saúde Mental	Forte	Redução dos sintomas de ansiedade/depressão	(Chandran <i>et al.</i> , 2025; Galvin <i>et al.</i> , 2025)
Treinamento para familiares/cuidadores	Moderado	Melhoria da dinâmica familiar, redução da sobrecarga do cuidador	(Pagán <i>et al.</i> , 2025c; Pagán; Loveland; Acierno, 2025b)
Treinamento de Autodeterminação	Moderado	Maior autonomia, autodefesa	(Hazan-Liran; Walter, 2025; Martino; Brantley; Scarpa, 2025)
Intervenções baseadas em tecnologia	Emergentes	Maior envolvimento, generalização de habilidades	(Pagán <i>et al.</i> , 2025a)
Programas adaptados culturalmente	Moderado	Melhor envolvimento, atendimento	(Pagán <i>et al.</i> , 2025b; Pagán;

Componente de intervenção	Nível de Evidência	Resultados principais	Estudos representativos
		culturalmente sensível.	Loveland; Acierno, 2025c)

Direções futuras para pesquisa e prática devem priorizar estudos longitudinais de longo prazo que acompanhem indivíduos ao longo de múltiplas décadas para compreender trajetórias de vida e fatores preditivos de resultados positivos sustentados (Mokhwelepa; Sumbane; Ngwenya, 2025). Desenvolvimento de estudos padronizados e culturalmente responsáveis de prontidão para transição, funcionamento adaptativo e qualidade de vida é essencial para medir progresso e identificar necessidades individuais (Pagán; Loveland; Acierno, 2025a). Expansão de programas de emprego apoiados em evidências, especialmente aqueles adaptados para indivíduos autistas com funções executivas desafiadas ou deficiências intelectuais co-ocorrentes, representa prioridade crítica (Solomon *et al.*, 2025). A integração do suporte de saúde mental ao longo do continuum de transição, com particular atenção às disciplinas que abordam camuflagem social, burnout autista e traumas cumulativos, é fundamental para promover

o bem-estar holístico (Galvin *et al.*, 2025). Finalmente, o desenvolvimento de políticas e sistemas que facilitem transições coordenadas, individualizadas e centradas na família entre serviços pediátricos e adultos é essencial para abordar lacunas em sistemas de suporte adulto e melhorar resultados de longo prazo para indivíduos com TEA (Leisman; Alfasi; Melillo, 2025).

Esta revisão abrangente e sintética de evidências substanciais demonstrando que a transição para a vida adulta no TEA é caracterizada por desafios importantes em autonomia, funcionamento adaptativo, emprego, educação e saúde mental. Entretanto, intervenções baseadas em evidências, particularmente aquelas que são individualizadas, culturalmente responsivas e baseadas em forças, demonstram potencial promissor para melhorar resultados através de múltiplos domínios. Advocacia contínua, inovação na entrega de serviços e colaboração ativa entre provedores de saúde, pesquisadores e indivíduos com experiência vívida são essenciais tanto para melhorar os cuidados atuais quanto para construir uma base de evidências mais forte para intervenções de transição bem-sucedidas no futuro.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Ellen Mc *et al.* Trauma and PTSD Symptoms: exploring the experiences of autistic and non-autistic adults in midlife and old age. , 8 out. 2025.

AL ANSARI, Mustafa; EDWARDS, Chris; GIBBS, Vicki. “Living Independently Means Everything to Me”: The Voice of Australian Autistic Adults. *Autism in Adulthood*, v. 6, n. 3, p. 312–320, 16 set. 2024.

ANDRESEN, Johannes *et al.* The Effect of Virtual Reality–Based Social Cognitive Training for Autistic Adults: Protocol for STEPS (Social Cognitive Training Enhancing Pro-Functional Skills) Randomized Clinical Trial. *JMIR Research Protocols*, v. 15, p. e72854–e72854, 5 jan. 2026.

CHANDRAN, Suhas *et al.* A Qualitative, multitiered operational research model for teenagers and young adults with autism: Actionable insights from an Indian context. *Indian Journal of Psychiatry*, v. 67, n. 11, p. 1040–1058, nov. 2025.

DUNCAN, Amie *et al.* Closing the Gap: A Randomized Trial Targeting Daily Living Skills in Autistic Adolescents. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, 24 jul. 2025.

ERARKADAŞ, Müjdat; ÖZMERAL ERARKADAŞ, Kübra; ŞIŞMANLAR, Şahika Gülen. Psychiatric symptoms and their predictors in aging parents of adults with autism spectrum disorder. *Scientific Reports*, v. 15, n. 1, p. 33036, 26 set. 2025.

FOSSUM, Ingrid Nesdal *et al.* Longitudinal Predictors of Adaptive Functioning in Emerging Adults with and without Autism Spectrum Disorder. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, v. 53, n. 2, p. 137–149, 15 fev. 2025.

GALVIN, John *et al.* Self-Compassion, Camouflaging, and Mental Health in Autistic Adults. *Autism in Adulthood*, v. 7, n. 3, p. 324–332, 1 jun. 2025.

HAZAN-LIRAN, Batel; WALTER, Ofra. Psychological Capital, Self-Advocacy, and Future Orientation among Adults on the Autism Spectrum. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 55, n. 11, p. 3986–3997, 30 nov. 2025.

LEISMAN, Gerry; ALFASI, Rahela; MELILLO, Robert. Neurobiological and Behavioral Heterogeneity in Adolescents with Autism Spectrum Disorder. *Brain Sciences*, v. 15, n. 10, p. 1057, 28 set. 2025.

LOUSKY, Yael *et al.* Toward workforce integration: enhancements in adaptive behaviors and social communication skills among autistic young adults following vocational training course. *Frontiers in Psychology*, v. 15, 11 dez. 2024.

MARTINO, Daniele C.; BRANTLEY, Alexa; SCARPA, Angela. The role of self-advocacy and self-determination in positive adjustment for autistic adolescents and young adults: a mini-review. *Frontiers in Child and Adolescent Psychiatry*, v. 4, 2 maio 2025.

MIRANDA GÁLVEZ, Azahara Leonor; PACHECO-UNGUETTI, Antonia Pilar. The Impact of the COVID-19 Pandemic on Young Adults with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. *Healthcare*, v. 13, n. 11, p. 1216, 22 maio 2025.

MOKHWELEPA, Leshata Winter; SUMBANE, Gsakani Olivia; NGWENYA, Mxolisi Welcome. The dynamic trajectory of autistic life and its changing challenges: a scoping review. *BMC Psychiatry*, v. 25, n. 1, p. 769, 6 ago. 2025.

MOSER, Carly *et al.* The Role of Parent Advocacy in Autistic Youths' Self-Determination. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, v. 130, n. 2, p. 116–130, 1 mar. 2025.

MOSER, Carly *et al.* Brief Report: The Vocational and Educational Activities of Transition-Aged Autistic Youth With Low IQ. *Journal of Intellectual Disability Research*, v. 70, n. 2, p. 218–224, 29 fev. 2026.

PAGÁN, Antonio F. *et al.* Group Therapy for Autistic Adults Over Telehealth: Challenges and Guidelines for Clinicians. *Journal of Health Service Psychology*, v. 51, n. 2, p. 91–101, 23 maio 2025a.

PAGÁN, Antonio F. *et al.* Phase 1 clinical trial of *¡Iniciando!* la adultez: a culturally tailored intervention for transitioning Latino young adults with autism. *International Journal of Developmental Disabilities*, p. 1–17, 23 ago. 2025b.

PAGÁN, Antonio F. *et al.* Launching! To Adulthood, A Culturally Adapted Treatment Program for Military-Dependent Autistic Young Adults and Their Military Parents: A Pilot Study. *Military Medicine*, v. 190, n. 9–10, p. e2065–e2071, 1 set. 2025c.

PAGÁN, Antonio F.; LOVELAND, Katherine A.; ACIERNO, Ron. The Adaptation and Translation of a Transition Readiness Scale for Young Adults with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 22 jul. 2025a.

PAGÁN, Antonio F.; LOVELAND, Katherine A.; ACIERNO, Ron. Therapeutic Alliance in a Culturally Tailored Transition Program for Latino Young Adults with Autism and Their Families. *International Journal of Systemic Therapy*, v. 36, n. 4, p. 455–474, 2 out. 2025b.

PAGÁN, Antonio F.; LOVELAND, Katherine A.; ACIERNO, Ron. Cultural influences on camouflaging and autistic burnout: Examining the experiences of Latino autistic young adults. *Autism*, 24 out. 2025c.

PELLE, Martina *et al.* Autism in Adulthood: Psychiatric Comorbidity in High-Functioning Autistic Adults in an Outpatient Clinical Population. *NeuroSci*, v. 6, n. 4, p. 117, 18 nov. 2025.

ROPER, Sophie *et al.* Sleep problems and mental health in middle-aged and older autistic and non-autistic adults. , 23 set. 2025.

RUMSA, Sophie *et al.* A scoping review of current approaches to strengths-based transition practices for autistic adolescents. *Autism*, v. 29, n. 11, p. 2644–2661, 25 nov. 2025.

SAMELSON, Doreen *et al.* Initial Analysis of the Effectiveness of Compass-Behavioral for Autistic Youth: A Community-Based Retrospective Analysis. *Behavioral Sciences*, v. 15, n. 12, p. 1667, 3 dez. 2025.

SOLOMON, Marjorie *et al.* A randomized controlled trial protocol for evaluating the feasibility, acceptability, and work outcomes of individualized placement and support adapted for autistic adults in the community. *Contemporary Clinical Trials Communications*, v. 47, p. 101536, out. 2025.

SOUTH, Mikle; PARK, So Yeon; BERMAN, Molly. Mental Health as a Key Mediator for Outcomes in Postsecondary Education, Employment, and Everyday Living in Autistic Adults. *Autism in Adulthood*, 26 maio 2025.

STEINBERG, Hillary *et al.* Same Transition, Different Perspectives: Comparing Dyadic Interviews with Autistic Young Adults and Parents. *Autism in Adulthood*, v. 6, n. 2, p. 152–161, 1 jun. 2024.

STEWART, Gavin *et al.* The Association between Autistic Traits and Trajectories of Anxiety in Middle-Aged and Older Adults: An 8-year Growth Mixture Model Analysis. , 1 out. 2025.

YON-HERNÁNDEZ, Jo A. *et al.* Early Employment Outcomes in Autistic and Non-autistic Youth: Challenges and Opportunities. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 7 ago. 2025.